

Feira dos Importados privatizada

Flávia Lima

Paraíso da pirataria em Brasília, a Feira dos Importados, parte do patrimônio da Central de Abastecimento do DF (Ceasa), deverá sair das mãos do governo ainda este ano. Pelo menos é o que pretende a nova direção da Ceasa, que tomou posse no mês passado. A ordem é privatização, o mais rápido possível.

Localizada no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), a feira possui 2.085 bancas e 85 lojas. Todos os feirantes precisam pagar taxas de segurança, limpeza e ocupação. Mas a metade está inadimplente, de acordo com o presidente da Ceasa, Raul Canal. O total de dívidas dos comerciantes gira em torno de R\$ 1,5 milhão. Na semana passada, eles foram notificados, pela Ceasa, para colocar em dia os impostos, em especial a Taxa de Permissão Remunerada de Uso, cujo valor varia de acordo com o tamanho dos bo-

xes. As taxas de limpeza, pagas à Associação da Feira dos Importados (Afim), também estão atrasadas.

De acordo com Raul Canal, a Feira dos Importados é responsável por 70% dos problemas da Ceasa.

— Não posso perder tempo e orçamento com a feira. O objetivo da Ceasa é cuidar dos produtos agrícolas, dos produtores rurais, não de mercadorias importadas — afirmou Canal.

Segundo ele, a meta agora é regular e disciplinar o funcionamento da Feira dos Importados. Para depois encontrar uma forma legal de passá-la ao setor privado.

— Não temos a forma jurídica ainda. Mas será aberto um processo de licitação — disse o presidente da Ceasa.

Para cobrar as dívidas, a Ceasa chegou a lacrar os boxes dos feirantes devedores. Em seguida, a maioria deles procurou a Ceasa para negociar o que deve. A negociação foi a seguinte: metade da dívida à

vista e metade parcelada.

O presidente da Ceasa afirmou que o dinheiro da cobrança das dívidas será utilizado em reformas no espaço onde a feira funciona. Segundo ele, toda a feira será cercada. A Rádio Feira será reinstalada. O piso, trocado. São 13 mil metros quadrados de piso.

“Todos os feirantes precisam pagar taxas de segurança, limpeza e ocupação, mas a metade está inadimplente

Raul Canal, presidente da Ceasa

Mas o maior problema encontrado na feira, de acordo com o presidente da Ceasa, é o comércio clandestino que lá funciona. Ambulantes que não pagam impostos à Ceasa vendem suas mercadorias nos corredores ou do lado de fora. Comercializam sanduíches na porta dos restaurantes, ven-

dem CDs piratas e concorrem com as bancas que pagam taxa de ocupação.

Para Solon Calado, presidente da Associação da Feira dos Importados (Afim), a razão da inadimplência e da presença dos ambulantes é a falta de impunidade existente no Brasil.

— Não é justo metade dos feirantes pagar e a outra metade não. Muitos questionam o preço das taxas, mas não pagá-las gera um problema ainda maior — lamentou.

Os problemas são muitos. Lavadores de carro roubam água paga pelos feirantes. O banheiro fica sujo e quem tem de pagar pela limpeza são os comerciantes que estão com impostos em dia. Uma desorganização que gera revolta por parte dos comerciantes, que decidem não pagar mais nada.

— A inadimplência não tem outra solução a não ser exigir que as pessoas venham negociar. Nem que para isso a Ceasa precise lacrar e proibir o funcionamento das bancas —

afirmou Calado.

Sobre os ambulantes, Solon Calado é mais enérgico:

— Os ambulantes que ficam nos corredores são o nosso câncer.

A solução, para ele, é a privatização. — É o nosso grande sonho — afirmou. — Não é função do Estado administrar o comércio. Estamos há anos pagando impostos. Queremos agora dizer que aquilo ali é nosso — completou.

O presidente da associação diz acreditar que, quando a feira for privatizada, os comerciantes terão condições de adquirir empréstimos com juros menores. Aí, sim, poderão oferecer produtos de melhor qualidade aos clientes. E com notas fiscais.

— Poderemos montar uma cooperativa, comprar produtos mais baratos, e competir com grandes empresas. Aí poderemos fornecer notas fiscais — disse. — Nosso sonho mesmo é tirar a marca de pirataria da Feira dos Importados.

Paraguai ainda nutre os lojistas

A Feira dos Importados é também conhecida pela população como Feira do Paraguai. Não é à toa. De acordo com dados da Polícia Federal, boa parte das mercadorias tem como origem o país vizinho.

O foco do comércio que não paga imposto está nos produtos eletrônicos, como computadores, e CDs e DVDs piratas. Brinquedos, roupas e até pneus e cigarros também estão na lista de mercadorias apreendidas pelas autoridades no Distrito Federal no ano passado.

Mas tem também o comércio de roupas, sapatos e bolsas. Na última sexta-feira, o chinês Qiu Feng, de 24 anos, foi preso em flagrante nas proximidades da

Falsificação marca eletrônicos, DVDs, CDs, computadores e até mesmo produtos de vestuário

Feira dos Importados. Crime de sonegação fiscal e pirataria. Ele estava com 400 bolsas falsificadas das marcas Louis Vuitton, Victor Hugo e Giorgio Armani. Cada uma seria revendida a R\$ 150.

O chinês, que está em situação irregular no Brasil e mora no Cruzeiro Novo, foi abordado quando chegava de carro à feira. Ali, revenderia as bolsas a comerciantes. Pelo crime de sonegação fiscal ele poderá pegar de dois a cinco anos de cadeia. Pelo de pirataria, de seis meses a um ano. O chinês foi preso porque o Delegacia da Ordem Tributária da Polícia Civil recebeu uma denúncia anônima. Outras denúncias podem ser feitas pelo telefone 3312-8060.



Feira dos Importados: embora taxa seja pequena, total de dívidas dos comerciantes está próximo a R\$ 1,5 milhão

Concorrência de ambulantes prejudica os comerciantes e causa aumento da pirataria

A presença dos vendedores que não pagam impostos na Feira dos Importados não é bem vista pelos comerciantes. Sirlene Martins, dona de uma banca de brinquedos, diz que sente pena dos ambulantes, uma vez que conseguir um emprego hoje não é tarefa fácil. Mas quando paga as taxas de limpeza, segurança e ocupação, se sente injustiçada.

— Eu sei que eles precisam trabalhar, mas eu pago R\$ 200

para ficar aqui. Os banheiros ficam sujos e nós temos que pagar a limpeza. Pagamos também segurança, porque a feira não oferece isso não — disse a comerciante.

João Marques, funcionário de uma banca de eletrônicos, afirma que a Feira dos Importados é um mito. Para ele, a imagem de um bom lugar para compras não condiz mais com a realidade.

— A feira está muito ruim.

Não vendemos muito. Isso aqui está uma bagunça. Somos uma terra sem lei — criticou.

O vendedor confessa que as cenas de tumulto do final de 2005, quando comerciantes protestaram contra funcionários da Secretaria de Fiscalização (Se-fau), não saem da sua memória.

— Tenho medo de que aquilo aconteça de novo, daquele tumulto todo. Os clientes nem vinham mais aqui depois, com medo — disse.

Do lado de fora da feira, vendedores ambulantes vendem CDs e DVDs piratas. A concorrência é grande. Um vendedor fica bem próximo a outro. Os DVDs são vendidos a R\$ 5. Preço único, em todas as bancas. Um desses vendedores afirma que paga R\$ 20 por mês para ficar ali de fora. E diz que não tem medo de ser mandado embora.

— Se quiserem vir e derrubar tudo, eu volto depois. Ou vou pra outro canto da cidade. Mas para tirar um, tem de tirar todos — disse.